MARIA HELOISA FÉNELON COSTA (1927-1996)

LUIZ DE CASTRO FARIA
Professor Emérito
Museu Nacional, UFRJ
Universidade Federal Fluminense

M. Heloisa Fénelon Costa permaneceu do meu lado durante quarenta anos. Não se tratava de proximidade física, mas sim da mais intensa, desprendida e comovente solidariedade intelectual. Desde a sua iniciação em antropologia, até finalizar a sua trajetória, nunca deixou de manifestar, muitas vezes por escrito, o seu reconhecimento pela orientação que lhe dera, no exercício despretensioso e apenas correto das minhas responsabilidades profissionais. Ela era generosa e destemida e sempre ocupou posições de vanguarda — em Arte, foi uma gravadora que expunha as suas criações em salões de *Arte Moderna*; em Antropologia da Arte produziu inovações, pelas práticas de pesquisa e pelas interpretações do material recolhido. Ela possuia uma invejável erudição e nas suas leituras ocupavam lugar privilegiado os autores mais ousados e originais. Foi, por exemplo, uma leitora constante de Panofsky, e a História da Arte, nas versões mais avançadas, ocupava um espaço considerável do seu amplo saber. As bibliografias que acompanham os seus trabalhos revelam, por outro lado, o cuidado extremo no sentido de incluir todos os autores que, mesmo minimamente, tivessem contribuído para o desenvolvimento das suas reflexões. A honestidade intelectual de Heloisa Fénelon era profunda; seu caráter não conhecia complacências de qualquer tipo. Tinha o cunho da integridade. A sua trajetória foi uma demonstração impressionante de pertinácia, lucidez e retidão, moral e intelectual.

Anuário Antropológico/96
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997

A formação — começo e retorno

Heloisa Fénelon fez a sua formação em Belas Artes. Em 1956 concluiu o Curso Seriado de Pintura, da então Escola Nacional de Belas Artes, e comprovadamente não foi uma aluna sem expressão. De 1948 a 1958 participou de mostras coletivas, no Salão Nacional de Belas Artes (LIII, LIV, LV, LVI), na Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo (1951), no III Salão Baiano de Belas Artes, no I Salão de Arte Moderna (1952), e nos Salões Nacionais de Arte Moderna, V, VI, VII (1956, 1957, 1958). Não foi uma participação ignorada — no LV Salão Nacional de Belas Artes obteve medalha de bronze; no LVI Salão obteve medalha de prata; no II Salão Baiano de Belas Artes obteve Diploma de Menção Honrosa. No Liceu de Artes e Ofícios recebeu em 1956 outra Menção Honrosa pelo desempenho em curso de gravura *Água Forte.*

A partir de 1956 a trajetória de Heloisa Fénelon passa por um processo de reconversão. Era uma artista que já tinha dado provas de sensibilidade e de domínio de várias técnicas de gravura, mas a insatisfação com a carreira de artista a fez procurar outro rumo, e foi o *Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural* que Darcy Ribeiro instituíra no Museu do Índio que a levou a descortinar novos horizontes. A inflexão que se dá a partir da sua inserção num novo grupo profissional — o dos antropólogos — não representou, contudo, um desligamento completo do mundo das artes. O retorno é assinalado por marcas visíveis. Em 1974 Heloisa Fénelon conquista o título de *Livre Docente* em História da Arte, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e com ele, conforme a tradição, o título de Doutor. A partir de 1985 ligou-se ao *Mestrado em História da Arte*, que ajudou a montar e do qual exerceu a coordenação. Ali deu cursos e orientou dissertações. Nesse retorno, a artista já assumira outra identidade — era uma antropóloga especializada em artes tribais, e senhora de um patrimônio notável, constituído de numerosos trabalhos de campo e de coleções raras de peças de arte, recolhidas nas tribos que visitava repetidamente.

A carreira — uma polifonia

Pouco depois de concluído o seu *Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural* do Museu do Índio, Heloisa Fénelon ingressou no Museu Nacional (1958), instituição na qual completaria a sua carreira, trabalhando sempre em regime de tempo integral e dedicação exclusiva desde 1965, e finalmente conquistando o cargo de Professor Titular, em 1986.

Trabalho de Campo

Seria impossível reproduzir aqui a relação completa dos trabalhos de campo de Heloisa Fénelon. Eles representam não apenas a parte mais extensa, mas sobretudo a mais grandiosa da sua vida profissional. Foi incansável, indômita — nenhuma desdita a impediu de continuar. A leishmaniose cutânea, contraída numa das viagens, o seu tratamento agressivo, efetuado por especialistas do hospital de Manguinhos, não a fizeram recuar. As características desfavoráveis do seu biótipo; as dificuldades de transporte para as áreas indígenas privilegiadas nos seus projetos, as lutas para obtenção de financiamento, nada arrefeceu o seu ânimo.

Os trabalhos de campo começaram em 1957, com os índios Karajá, do grupo local de Santa Izabel, na ilha de Bananal, rio Araguaia. Esse foi o momento da iniciação — e o do seu compromisso definitivo com a antropologia da arte. Estuda a arte oleira, os papéis sociais das ceramistas, a pintura do corpo. Voltou à região, e além do grupo local de Santa Izabel visita os de Fontoura e Barra do Tapirapé, amplia e diversifica as observações. As coleções que obtém são preciosas. Em 1979, para execução do subprojeto *Etnologia e Etnografia dos Karajá*, aprovado pela FINEP, com apoio suplementar do *Centro Nacional de Referência Cultural* volta à região com uma equipe de estagiários sob a sua orientação. Esse trabalho de campo é repetido em 1980 e 1981.

Uma outra área indígena foi escolhida por Heloisa Fénelon — o Alto Xingu. Em 1960 realizou uma viagem exploratória, mas no período seguinte permaneceu na aldeia dos Mehináku, escolhida como a que oferecia melhores condições para a sua pesquisa. Voltou ao mesmo grupo em 1970, com dois estagiários do Setor de Etnologia do Museu Nacional, e além de ampliar as suas observações reunia peças para o acervo da sua instituição. Nos anos de 1971, 1975 e 1978 voltou à região com estagiários, e praticamente encerra

esse ciclo de pesquisas de campo, fecundo em termos de pesquisa e de colecionamento.

Como pesquisadora de campo Heloisa Fénelon foi um exemplo raro — não só recolhia dados preciosos em termos de observação direta da produção de peças de arte indígena, como instruia estagiários — fazia etnografia e ensinava a praticá-la.

Heloisa Fénelon fez sempre questão de atribuir-me a posição de *pioneiro* nos estudos de arte indígena. É verdade que eu publicara em 1959 os trabalhos *A arte animalista dos paleoameríndios do litoral do Brasil* e *A figura humana na arte dos índios Karajá* (Museu Nacional, *Publicações Avulsas*, n^os^ 24 e 26). Eu trabalhara, no entanto, com *peças produzidas*, de coleções etnográficas e arqueológicas do Museu Nacional. Ajudei-a no que pude para que se preparasse teoricamente para realizar pesquisas de observação direta da produção de obras, que nós chamamos *de arte*, segundo os nossos critérios tradicionais, de uma estética firmada em cânones da chamada *cultura ocidental*. Com relação às *artes tribais*, nada sabíamos sobre a estética dos seus autores, e muito menos se eles seriam identificados como *artistas*, diferenciados de outros membros comuns do grupo. Um velho preconceito leva a conceber as sociedades simples como *homogêneas*, e nelas só as funções de chefia — religiosa, guerreira, de facções ou de linhagens — são identificadas. Heloisa, sim, foi a pioneira na construção de uma nova antropologia da arte, fundamentada em observação participante, no colecionamento teoricamente esclarecido, na identificação dos *autores* e dos seus papéis sociais. As coleções que deixou representam uma fonte abundante, que dificilmente será esgotada.

A utilização que fez desses materiais foi parcial. De qualquer modo, *O mundo dos Mehináku e suas representações visuais* é um livro único no gênero. Pela primeira vez os autores são nomeados e indicados o sexo e a idade. Esse livro marca o momento de uma mudança radical da orientação das pesquisas sobre *arte indígena*. O trabalho de campo para Heloisa Fénelon teve o caráter de uma devoção — dedicou-se a ele com zelo impaciente; nutria-se dele; almejava-o.

Museologia

Os trabalhos de campo de Heloisa Fénelon proporcionavam a oportunidade de reunir boas coleções, cada peça acompanhada sempre de registros

cuidadosos. Quando longe do campo empenhava-se na revisão, reclassificação e novo fichamento das vastas e variadas coleções do *Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional.* A seriedade e a competência do seu trabalho nessa área valeram-lhe créditos generosos das instituições financiadoras de projetos.

Seu estágio em Paris, com bolsa do governo francês, no *Museu do Homem* e no *Museu de Artes e Tradições Populares* (1962-1963), ampliara a sua experiência de trabalho no Museu Nacional. Para os anos de 1976-1977 recebeu da FINEP recursos suficientes para executar o seu projeto de ampliar o espaço físico destinado à guarda, manuseio e classificação das coleções etnográficas, um empreendimento ousado e que teve execução perfeita. Nos anos seguintes a mesma FINEP e mais a Fundação José Bonifácio, da UFRJ, financiaram os projetos *Etnografia e emprego social da tecnologia em sociedades tribais e em populações regionais*, com vários subprojetos.

As suas atividades de curadoria desdobravam-se em várias frentes; além das internas, tomava a iniciativa de projetar e executar exposições externas. Seria impossível reproduzir aqui a relação completa desses eventos, mas dois devem ser lembrados: a exposição de *Desenhos espontâneos coletados entre as tribos do Alto Xingu, de 1961 a 1974*, no Museu de Arte Moderna, do Rio de Janeiro, 1975, como promoção da FUNAI e do Departamento de Antropologia do Museu Nacional; a exposição desses desenhos na Biblioteca Central da Universidade de Brasília, por ocasião da XXVIII Reunião Anual da SBPC.

Em todas as suas atividades — de pesquisa de campo, de curadoria — Heloisa Fénelon desempenhou uma outra, de surpreendente alcance, a orientação de estagiários, mais de quarenta de 1961 a 1986. Essa forma peculiar de docência, talvez a mais produtiva de todas, sobretudo em termos de *exercício*, da *prática*, ou seja do artesanato da produção acadêmica, quase nunca é devidamente ressaltada.

A sua participação na criação e direção da Pós-Graduação em História da Arte foi fundamental — não apenas orientou o curso, mas também várias dissertações de mestrado.

Produção intelectual — a presença

Heloisa Fénelon nunca se deixou confinar, no campo, ou nas salas de depósito de coleções etnográficas. Foi uma presença constante nos eventos nos quais a sua incessante produção intelectual encontrasse espaço para ser divulgada. Nas reuniões da ABA, da SBPC, nos simpósios de arte, ela sempre se apresentava com comunicações originais.

Grande parte, aliás, da sua produção intelectual está dispersa em periódicos, outra parte, em forma de resumos, em atas de congressos e seminários. Esses trabalhos deveriam ser reunidos e republicados em livro. Alguém deverá encarregar-se disso e ainda mais, procurar inéditos, no seu espólio, que não poderá ser dispersado, e muito menos destruído.

Os livros *A arte e o artista na sociedade Karajá* (Brasília: FUNAI, 1978), tese apresentada ao concurso de Livre Docência da Escola de Belas Artes, e *O mundo dos Mehináku e suas representações visuais*, tese apresentada a concurso para provimento do cargo de professor Titular da UFRJ, Departamento de Antropologia do Museu Nacional (Brasília: Ed. UnB, CNPq, Rio de Janeiro: UFRJ, 1988) são testemunhos da competência, da sensibilidade e do labor científico de Heloisa Fénelon. O detalhado estudo sobre "Habitação indígena brasileira", da *Suma Etnológica* (v. 2 — *Tecnologia Indígena*, 1986) e "O sobrenatural, o humano e o vegetal na iconologia Mehináku", este absolutamente original, resultado das suas repetidas pesquisas de campo, da sua verdadeira vivência com os artistas dessa tribo (*Suma Etnológica*, v. 3 — *Arte Índia*) formam o conjunto de publicações mais acessíveis aos cultores e aprendizes de antropologia da arte.

Heloisa Fénelon não terá nunca uma substituta, quer dizer, alguém com as características da sua personalidade, com a força da sua paixão pela pesquisa etnológica, com a intensidade do seu devotamento ao saber e sua capacidade de sacrifício e de desprendimento.

Na galeria das mulheres brasileiras que se tornaram antropólogas consagradas, Heloisa Fénelon deverá ocupar um lugar de honra. Um dia surgirá, talvez, uma colega que escreva um livro sobre a sua vida, seus feitos, seus escritos, suas gravuras, suas premiações. Sua amiga desde a iniciação antropológica, a doutora Nobue Myasaki bem poderia fazer isso.

Na antevéspera da sua viagem para o Japão, seu último trabalho de campo, Heloisa visitou-me. Não queria partir para tão longe sem me ver, e falou com um entusiasmo que eu conhecia desde os seus primeiros cursos de antropologia, do projeto de estudo da *estética do corpo*, que ia desenvolver em Osaka. A cultura japonesa, que vinha estudando, provocara um verdadeiro encantamento, e ela partiu com a mesma ansiedade de descobrir, que era a sua força, o alicerce da sua temeridade.

A visita valeu por uma despedida animada, com votos calorosos de *feliz viagem*.